





# Biografia involuntária dos amantes



ALFAGUARA



João Tordo

Biografia involuntária  
dos amantes

---

## ALFAGUARA



*Biografia involuntária dos amantes*  
Copyright © 2014 João Tordo  
© desta edição:  
2014, Santillana Editores, S. A.

Editora Objectiva  
Estrada da Outurela, 118  
2794-084 Carnaxide  
Tel.: 214 246 903/5  
correio@objectiva.pt  
www.objectiva.pt

Edição: Clara Capitão  
Revisão: Cristina Correia  
Paginação: Segundo Capítulo  
Capa: Panóplia®  
Imagem da capa © Corbis/VMI  
Fotografia do autor © Paulo Castanheira

1.ª Edição: Abril 2014  
ISBN: 978-989-672-259-3  
Depósito legal: 371948/14

Impressão e acabamento:  
Printer Portuguesa

Distribuição:  
VASP  
Tel.: 214 337 000  
geral@vasp.pt

 **PRISA** EDIÇÕES

Se desejar receber informações sobre a nossa actividade editorial, deixe o seu email em [www.objectiva.pt](http://www.objectiva.pt)

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, electrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização do editor.

A Editora Objectiva é a divisão literária do Grupo Santillana em Portugal. Alfaguara, Suma de Letras, Objectiva e Alfaguara Infantil & Juvenil são marcas registadas da Editora Objectiva.

*Para a Luísa e o Matias*



*To have been always what I am – and so changed from what I was.*

SAMUEL BECKETT

*Chegará um momento em que o facto de termos estado juntos será como se não tivéssemos estado, e termos atendido o telefone será como se não tivéssemos atendido, e termo-nos atrevido a falar seria como se tivéssemos ficado calados.*

JAVIER MARÍAS



# A persistente melancolia de Saldaña Paris



---

Juntos, matámos o javali. Não queríamos tê-lo matado. Mas o animal atravessou-se no nosso caminho, correu para o desastre e destruiu o pára-choques do carro, projectando fragmentos de si próprio, satélites desgobernados em torno de dois sóis que eram as luzes dianteiras. O focinho bifurcado do mamífero explodiu de sangue; pareceu que nos olhava no segundo que antecedeu o embate, implorando misericórdia. Tudo estacou no silêncio da AP-9. Ao meu lado, Saldaña Paris ficou quieto por um momento, procurando ainda o sentido daquela travagem súbita. Depois olhou-me como se eu pudesse esclarecê-lo ou soubesse mais do que ele sobre aquele animal que surgira no meio da estrada da mesma maneira que a luz de um cometa rasga a escuridão da noite.

«Não tens culpa», disse-me, os óculos tortos no rosto por causa da colisão. «Era impossível travares a tempo. O animal quis morrer.»

A polícia concordou que não havia muito a fazer. Apareceram dois agentes em coletes reflectores, seccionaram o trânsito na estrada, com luzes e cones de sinalização, e arrastaram o javali até à berma. Estávamos no Outono e a mata cheirava a lago e a mar: era a proximidade da ilha de Arousa, pensei; era o cheiro das águas paradas nos bosques e da maré que erodia a rocha. Saldaña Paris ficou ajoelhado durante algum tempo a olhar para o javali. Na pose do mexicano havia algo de cerimónia; um olhar de comiseração e ao mesmo tempo de desprendimento,

perante o imponderável da morte daquele animal. Como se nos tivesse deixado órfãos.

«Quer levar o bicho?», perguntou um dos polícias.

«Está a brincar», respondi.

«Já que o atropelou, mais vale comê-lo.»

«Enterramo-lo no bosque», ripostou Saldaña Paris.

«Olha que ideia», afirmou o segundo polícia.

«E que tal chamar o padre para lhe prestar a última homenagem?»

Um dos agentes era de Pontevedra, onde vivíamos, o outro de Vilanova de Arousa. Pediram-nos que entrássemos para o banco de trás do carro da Polícia depois de ligarem a alguém que viria recolher o animal moribundo — nenhum de nós se atreveu a verificar se ele tinha mesmo morrido. Um reboque viria buscar o meu carro, que largava baforadas de fumo da parte dianteira. A caminho da esquadra, observámos, na inclemência daquela noite fria e desconsolada, a sombra ameaçadora dos bosques. Estávamos incrédulos: por muito pouco não teríamos estado naquela estrada, àquela hora, numa noite de domingo; por muito pouco não teríamos atropelado o javali; e por menos ainda talvez o mexicano não tivesse começado a falar das coisas que até então mantivera guardadas.

Sentados num banco do posto da polícia de Caldas de Reis, que era a povoação mais próxima, aguardámos pelos procedimentos formais. O incidente dera-se ao quilómetro 110 da AP-9; tínhamos percorrido pouco mais de um terço do trajecto a caminho de Compostela. Normalmente, eu fazia esse trajecto à segunda-feira, sozinho, antes de o dia nascer, pois começava a ensinar às nove da manhã na cátedra de Língua e Literatura Inglesa. Porém, na tarde de domingo, Saldaña Paris ligara-me, muito

affito, como se estivesse a ter um ataque de cólera e de pânico ao mesmo tempo; não conseguia respirar, a sua voz esganiçava em espiral. Encontrámo-nos, conversámos, procurei tranquilizá-lo, mas foi em vão. Tive medo de o deixar sozinho e, por isso — mas também porque, nessa altura, tudo me parecia crivado de uma estupenda monotonia — sugeri-lhe que fôssemos nesse dia para Santiago de Compostela, onde poderíamos cear e beber cervejas até tarde e pernoitar numa estalagem que era propriedade de uma amiga. Vi-lhe nos olhos azuis, escondidos por trás dos óculos de lentes grossíssimas, quanto esta ideia o alegrava — ou, pelo menos, quanto esta ideia o arrancava da morbidez. E, depois, atropelámos o javali incauto que atravessava a estrada, interrompendo a corrente sincopada da sua vida, tão dissemelhante à dos homens, e sentimos que também as nossas vidas eram interrompidas, embora continuássemos aqui e aquela esquadra da Polícia perdida nos confins da Galiza não fosse, pelo menos por enquanto, o purgatório. Enquanto esperávamos que alguém viesse falar connosco e nos pusesse a par da situação que já escapara ao nosso controlo — tínhamos de prestar declarações, e eu precisava de saber do meu carro —, Saldaña Paris começou a falar e, por fim, fez-me o pedido mais estranho que alguma vez me haviam feito.

Pedi-me que lesse. Não é estranho um homem pedir a outro homem que leia, sobretudo quando falamos de um poeta e de um professor universitário. Seria natural que trocássemos livros, seria normal que as nossas vidas, ou as nossas preocupações, fossem próximas. O que ele me pediu que lesse, contudo, não era um livro de um qualquer

autor, não era um romance ou um ensaio, não era uma obra sem par na literatura universal nem o manuscrito desconhecido de um jovem promissor. O que ele me pediu para ler era uma espécie de *requiem*, um texto que lhe fora deixado por uma mulher que já morrera e com quem ele estivera casado durante cinco anos.

Eu desconhecia este facto — o do seu casamento —, embora já nos conhecêssemos há alguns meses, desde que ele viera morar em Pontevedra. Ele, que era da Cidade do México, uma monstruosidade com vinte e cinco milhões de almas, a viver em Pontevedra, um município de oitenta mil habitantes. Eu nunca tinha estado no México, mas ele falara-me da sua cidade e eu ficara com a sensação estranhíssima de que tinha lá estado em sonhos: nestes, encontrava-me em sua casa (a sua casa imaginada), um segundo andar numa rua tranquila onde a folhagem das laranjeiras roçava as grades do varandim. A meio da noite, despertava com o ruído ensurdecedor dos dedos nervosos de Saldaña Paris martelando as teclas de uma máquina de escrever antiga. Eu erguia a cabeça da almofada e via-o ao fundo da sala, em tronco nu, pingando suor, o lábio inferior ligeiramente descaído, os olhos esbugalhados, e ele dizia-me: *Estou quase a terminar*. Depois eu acordava perguntando-me a razão daquele sonho; não encontrando resposta, esquecia-o, como sempre acontece quando o dia começa e nos vemos enredados no tranquilizante tecido da realidade.

Naquela noite, na esquadra, contou-me que se casara em Londres, onde vivera com a mulher. Mais tarde, ela passaria dezoito horas na Cidade do México; provavelmente, menos tempo do que eu lá estivera em sonhos. Perguntei-lhe se ela era inglesa e ele respondeu-me que não; que era portuguesa, que nascera em Lisboa.

«Ah, mas Lisboa eu conheço», disse-lhe. «Estive lá algumas vezes.»

«Pois eu nunca», respondeu ele.

Atrás de uma mesa, um agente gordo ignorava-nos. Estava sentado numa cadeira que já vira melhores dias e descalçara as pesadas botas, que pernoitavam ao lado da mesa como dois gatos negros de porcelana. Na altura pensei que era possível que tivesse sido o javali a suscitar aquela necessidade de confissão. A imagem de um animal morto é diferente da presença de um animal morto. Na presença existe profundidade, cheiro, tacto; a maneira como o desfalecimento do corpo o reveste daquela cor de rato e o pêlo subitamente amaina, como a vela de um barco na bonança. Morrer é uma espécie de bonança, pelo menos para um animal, e talvez Saldaña Paris o tenha sentido. Na sua delicada sensibilidade — ele, que era um homem com os nervos expostos —, é possível que aquilo o tenha despertado da modorra. Talvez o javali morto o tenha recordado de que também nós iremos perecer distraídos; ou talvez tudo aquilo o tenha lembrado de outro tempo, de um tempo que ele tudo fazia por esquecer, e da mulher que fizera parte desse tempo como a quilha faz parte do tal barco; a quilha sem a qual impreterivelmente este se afunda.

Nessa noite revisitou alguns factos que diziam respeito à sua relação com Teresa (soube então o nome dela): terem-se conhecido em 1998 num comboio em direcção a Barcelona; terem-se apaixonado imediatamente; passarem semanas num *hostal* na Carrer del Duc a fazer amor e a falar de filmes europeus, ele procurando entender que coisa misteriosa era aquela que lhe acontecia; ao separarem-se, Miguel cair num quebranto como nunca antes sentira — ao ver Teresa afastar-se, viu também o mundo inteiro

abandoná-lo, deixando-o no buraco mais negro de todos os buracos negros. Revisitou tudo isto de rajada, de olhos esbugalhados, o cabelo curto e espigado, a testa reluzente debaixo das luzes artificiais da esquadra.

Por que razão me contava aquilo, perguntei-me. E por que razão o fazia ali, no desconforto de um banco demasiado estreito encostado a uma parede fria? O que leva uma pessoa a guardar um segredo durante tanto tempo para depois, vítima de um gatilho invisível, resolver-se a desbobiná-lo de maneira tão atabalhoada? Para, no final, denunciar isto: que Teresa morrera na Galiza; que morrera havia menos de um ano de um cancro fulminante; que ele só soubera da sua morte três meses passados, quando alguém encontrou, entre os pertences de Teresa, vários livros que lhe pertenciam, que tinham o seu nome rabisado no interior, bem como um manuscrito dentro de um envelope fechado endereçado ao mexicano. Um dia, recebeu um telefonema de Santiago de Compostela — a voz procurava por Saldaña Paris, que regressara à Cidade do México para viver uma existência maldita ou uma não-existência, um morto procurando o seu lugar no meio dos vivos da mesma maneira que uma gota de chuva escorrega pelo vidro de uma janela fechada procurando entrar. O telefonema de um bibliotecário galego, que lhe disse: *A Teresa morreu. E deixou-lhe uma coisa.*

Era essa coisa — esse manuscrito dentro de um envelope, que ele abrisse, embora fosse incapaz de o ler pois estava contaminado por um amor doentio e pelos ecos do passado — que ele queria que eu lesse.

A primeira vez que o vi estava sentado num banco, no meio da rua, a tocar uma guitarra castanha de quatro cordas, meio escavacada pelo tempo. Havia duas pessoas paradas em frente do banco; à nossa esquerda, a praceta circular, onde as meninas feitas de pedra, numa infância perpétua, brincavam com um aro metálico, ao lado de um rapazinho, também ele esculpido, que bebia de um jorro de água. Estávamos em finais de Abril ou no princípio de Maio (não recordo a data com exactidão), mas o Inverno parecera não querer abandonar-nos. Os transeuntes que caminhavam pelo centro de Pontevedra usavam casacos, porque um frio cortante atravessava o empedrado e subia na direcção das nuvens ameaçadoras que pairavam sobre a cidade.

Um homem que escutava soltou um suspiro e depois disse: «Que porcaria. Vá aprender a tocar guitarra, homem.»

Fiquei eu a ouvi-lo e uma rapariga muito jovem, de gorro na cabeça e mochila às costas. Então também ela partiu, enquanto ele dedilhava o instrumento. A música era desagradável e dissonante; observando o seu perfil macilento, de rosto sulcado, apesar de jovem, os óculos descaídos sobre o nariz pequeno e o lábio inferior pendente, ocorreu-me que aquele instrumento não servia para tocar música, mas para mitigar uma dor. Ele terminou e olhou-me, surpreso, como se não fosse suposto eu estar ali — nem a rua nem a praça nem as meninas que eternamente brincavam ao arco.

Tentei sorrir-lhe, mas devo ter feito um esgar estranhíssimo; fui-me embora. Como ia distraído, não prestei atenção ao caminho e o jorro de água molhou-me os sapatos e a bainha das calças. No dia seguinte tornei a vê-lo, mas não me aproximei: era domingo, eu estava

cansado e só descera àquele bairro para fazer compras — uns quantos víveres para encher o frigorífico durante um par de dias, de maneira a ser obrigado a sair para fazer compras outra vez na terça-feira, porque fazia-me bem dar um passeio depois das horas passadas na faculdade. Vislumbrei-o à distância. Dessa vez não tocava: caía uma chuva fraca e o homem com rosto de rapaz sentava-se com a guitarra repousada ao seu lado e parecia entretido a ler um livro qualquer, muito concentrado, muito absorto, agitando a perna direita sem dar conta de que o fazia.

Tive vontade de lhe ir falar, mas não o fiz. Hesi-tei alguns segundos, cheguei a dar um passo em frente e depois recuei, perguntando-me por que razão desejava eu falar com um desconhecido — embora em Pontevedra um desconhecido que apareça mais de uma vez no mesmo lugar passe a ser um residente ou, pelo menos, uma curiosidade local. Desencorajado, pus-me a caminho de casa. Atravessei a rua e, sem querer, acabei por fazer um caminho mais longo do que o habitual, atravessando a Praça da Ferrería, decorada pelas flores das camélias, a esplanada do café meio ocupada por turistas e pelos velhos do costume, e metendo pela Benito Corbal no sentido contrário ao que deveria ter seguido se quisesse ter chegado a casa com maior rapidez. Os sacos das compras pesavam-me. Acabei por deambular, reflectindo na personagem sentada no banco e na minha vida, demorando-me nos passeios sem ver as pessoas ou as montras ou o final da tarde que ia desmascarando o cenário da noite. Sem saber bem como, atravessei a Rua de Castelao. Imaginei o escritor debruçado no corrimão de um varandim, um segundo andar iluminado com vista para uma espécie de praceta; imaginei Castelao observando a sua própria figura esculpida em xisto (num gosto que eu considerava duvidoso

e assaz sombrio — não era raro encontrar-me com Castelao num pesadelo, ele curvado ao peso do Franquismo, cuspiendo-me saberes ao ouvido), a escultura recusando-se a devolver-lhe o olhar: um dos olhares verdadeiro, de íris e córnea, o outro de pedra fria.

Corrigi o trajecto e, finalmente, a caminho da Joaquín Costa, tornei a pensar naquele homem da guitarra. Pensei também em Andrea, provavelmente sentada no sofá a ler uma revista ou a ver televisão na postura destrambelhada em que sempre via televisão — uma perna por cima do braço do sofá, um braço descaído —, no seu desleixo característico. Lembro-me de que entrei em casa depois de subir os três lanços de escadas e que chamei pelo nome dela; não obtive resposta. Atravessei o vestíbulo e, no corredor, em vez de virar à direita para a sala, cortei para a esquerda em direcção à cozinha e, antes de pousar os sacos, cujas alças me desenhavam já sulcos profundos nas palmas das mãos, senti o cheiro do tabaco. Em quatro ou cinco passos decididos estava à porta do quarto de Andrea. Bati; alguns segundos depois, ela abriu. Tinha os olhos raiados de sangue e o cabelo apanhado num carrapito atravessado por um lápis. Usava um fato-macaco encardido e segurava, na mão direita, um pincel. O quarto era uma desordem. No centro, uma tela branca parecia ter sido esborratada por uma criança, e um cigarro ardia num cinzeiro junto ao parapeito da janela.

«O que é que eu te disse sobre o tabaco?», perguntei-lhe.

Andrea encolheu os ombros. Por baixo do fato-macaco os seus seios, que recentemente se tinham avolumado, agitaram-se.

«Tu também fumas.»

«Fumava. E tu tens dezasseis anos.»

«Quase dezassete. A caminho dos cinquenta.»

Ficámos a olhar-nos durante um longo momento. Acontecia-nos amiúde; enquanto eu procurava as palavras certas, ela procurava um repto. Era um desafio que eu já perdera. Lembrei-me de lhe contar sobre a figurinha do homem que agora habitava a praça onde as meninas de pedra jogavam ao arco e lembrei-me de lhe dizer que queria convidá-lo para o programa de rádio, mas vi, pelo sobrolho descaído da minha filha, que seria em vão; que todas as minhas palavras seriam nada mais do que ar saindo da minha boca, engolidas pela indiferença.

«Fuma lá fora, então», pedi-lhe.

Fui para a sala e fiquei a contemplar a Lua por entre as nuvens, de pé, observando de vez em quando o meu reflexo no vidro da janela. Estava curvado, pensei; tinha os ombros descaídos e a barriga saliente, apesar da magreza. Outrora, quando conhecera a mãe de Andrea, ouvira as mulheres dizerem-me que eu era um homem atraente. Agora tinha a certeza de que passaria despercebido numa sala cheia de gente. Do quarto de Andrea chegou-me a música estranhíssima que ela costumava ouvir nos últimos tempos, canções melancólicas em línguas que eu desconhecia, e desejei aquilo que um pai nunca deveria desejar — que o dia seguinte chegasse depressa, o dia em que a mãe viria buscá-la e eu não teria de a ver durante uma semana. Tornara-se um caso difícil na minha vida. Até à adolescência havia sido uma miúda doce, embora tímida, algo silenciosa, estudante dedicada. Frequentara um colégio católico, a que eu me opusera desde o início sem grande resultado: o Sagrado Coração de Jesus de Pontevedra foi a casa de Andrea durante os anos da infância e os posteriores, por insistência de Paula. Talvez como resposta a essa educação, um dia Andrea chegou a casa com

uma tatuagem, um corvo pousado sobre um fio que lhe contornava o tornozelo. Eu estava sentado à mesa da cozinha, debruçado sobre um jornal, e reparei imediatamente: era Verão, a minha filha usava a saia da escola e a tatuagem tinha acabado de ser feita, pois a pele que a contornava estava inflamada, quase púrpura.

«O que é isso?», perguntei-lhe.

«Pão com queijo», respondeu ela, e foi para o quarto.

Foi a primeira vez que Andrea me falou dessa maneira. Muitas se seguiriam, claro está; contudo, naquele instante, compreendi que não perdera apenas o meu casamento mas também a minha filha. Algum tempo passado, a sua mãe ligou-me e, numa voz carregada de despeito — como se fosse eu o culpado por aquela metamorfose — anunciou-me que Andrea arranjava um namorado (que descreveu como um marginal), que se tornara cínica e respondona e que se recusava a pensar na universidade, pois anunciara que, depois do colégio, pretendia deixar os estudos e ir viajar. Para a demover dessas ideias, tentei enredar a minha filha em longas conversas, que acabaram por ser monólogos. Levei-a a jantar fora ao Long Fon, o chinês que ela costumava adorar, e, quando esse truque não funcionou, levei-a ao Alameda, onde cedo compreendi o meu erro: se Andrea se distanciara, atravessando o limiar invisível para o limbo que antecedia a vida adulta, não seria um restaurante de adultos, com empregados de lacinho e guardanapos dobrados em leque, que tornaria a aproximar-nos.

«Que lugar horrível», disse ela assim que se sentou. O cabelo caía-lhe sobre o rosto, ocultando as suas feições delicadamente esculpidas.

«É um dos melhores restaurantes da cidade.»